

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO

O «Jornal do Commercio» de Lisboa, o seu satellite portuense a «Lucta», e a «Critica á Critica», pelo padre Sousa Freitas.—SECCÃO RELIGIOSA: *Vinte e cinco por cento Aos cem disparates dos protestantes vinte e cinco respostas sem replica por um que leu a Biblia*, pelo padre Rademacker; *O mez de Maria*, pelo padre Francisco dos Santos e Cunha.—SECCÃO LITTERARIA: *Atravez dos jornaes*, por um viamaranense; *A escola classica, a pintura e a litteratura em Hespanha*, pelo padre F. Sanches.—SECCÃO POLÉMICA: *Carta á redacção*, por Francisco Martins.—OS NOBRES BISPOS NA CAMARA DOS PARES: *Discurso de s. ex.ª rev.ª o sr. Bispo de Bragança e Miranda, na sessão de 9 de maio*.—EDIÇÕES DE PROPAGANDA CATHOLICA: *Carta acerca do «Liberalismo Desmascarado» dirigida á «Religião e Patria»*, por S. da Costa Vieira Leite.—RETRÓSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.

GUIMARÃES, 31 DE MAIO

O «Jornal do Commercio» de Lisboa, o seu satellite portuense a «Lucta», e a «Critica á Critica».

O mansissimo «Jornal do Commercio» de Lisboa estranha e censura acremamente a linguagem incisiva com que o auctor d'estas linhas estygmatisou na «Critica á critica» o desazado pamphleto do sr. Guilherme Dias contra a Pastoral do exc.º sr. bispo do Porto.

A «Lucta» do Porto fez como os votantes que não sabem discursar por si e se limitam a dizer: «voto no sentido do illustre preopinante que me precedeu.» Copiou o artigo do «Commercio.» Benza-a Deus! Já é ser fecunda!...

Este artigo foi publicado ha um bom par de dias, mas só ha poucos m'os enviaram. (Escusado é dizer que não pertença á relva dos assignantes que diariamente ceifa a habil fouchinha do «Mercurio» lisbonense.)

Nenhum periodico tinha tanto direito a atirar-me a pedra como o que m'a atirou, elle que é todo arminho e alféoa na sua linguagem! Se por vezes abre

um parenthesis nos seus habitos de manso cordeiro, e mostra os dentes de Cerbero, é só contra... a Igreja Catholica, o clero, e tudo quanto ha de respeitavel. Bagatella! Nem por isso deixa de ser tolerante. Intolerante só o seria se profligasse baixezas, escandalos ou malvadezes. Estamos fartos de o saber.

Por aqui bem vêem os leitores que me seria facil'imo responder simplesmente ao collega de Lisboa: «arrede primeiro de lá a tranca que lhe vasa o olho, antes de soprar o argueiro do olho alheio.» Nada mais commodo, mas deixemos semelhantes commodidades á «Lucta.» Não me agradam os triumphos faceis.

Quero discutir em si mesma a rispida censura que me dirige o «Jornal do Commercio», e porei um lagedo em cima das velhas e innumeraveis culpas que elle tem no cartorio.

Distingo no homem dois homens: o homem particular e o homem publico. O primeiro está fóra da esphera das criticas da imprensa, mas não o segundo, pois se as suas acções ou os seus escriptos pertencem ao dominio publico, o publico tem stricto direito a julgal-os.

Do mesmo modo distingo duas posições no catholico: a posição de individuo privado, e a posição de escriptor. Como mero particular o catholico deve temperar todas as suas relações sociaes com o condimento evangelico da mansidão e longanimidade. Como escriptor publico, o catholico tem direitos peculiares assim como os teem todos os escriptores publicos, em virtude da sua mesina posição ou do seu mesmo sacerdocio de luz e de moralisação. Estes direitos são o de sustentar a verdade, o de preconisar o que é grande e santo, o de confundir o erro, o de protestar contra os escandalos notorios, o de apreciar as doutrinas de um escriptor com o criticismo da imparcialidade, sem os viezes da frouxidão, etc., etc.

Emquanto estes direitos poderem conciliar-se com os principios de uma perfeita moderação e amenidade de linguagem, tanto melhor; quando o não possam, porque a propria natureza da cousa exige por vezes a vehemencia da ideia e da fórma, não é vedado ao escriptor publico retesar um pouco mais o arco da sua critica para cuspir mais

certo o dardo destinado a attingir e a ferir o mal que resvalou ao dominio publico. O fazel-o é um justo desforço da opinião e da consciencia publicas, que um orgão d'ella pronuncia contra os que d'um ou d'outro modo a menosprezam e buscam derrancal-a. Não expriimi todo o meu pensamento: é uma lição dada ao escriptor de má fé (como no caso presente o supponho), mas lição capaz de lhe impor o respeito e de lhe fazer estancar o desejo de voltar á imprensa para abusar torpemente d'ella; é um grito de alarma soltado no meio da sociedade para pol-a de sobreaviso, para inspirar-lhe a indignação e o desprezo que as theorias subversivas, que os escandalos notorios devem produzir na consciencia publica.

Ora o estylo anodino dos *moderadissimos* e dos *tolerantissimos* é desazado de todo para obter tal resultado Não sabem indignar-se nem, portanto, indignar.

O seu elemento é o mar-morto da apathia. Contentam-se com «os brandos zephiros» e «as meigas brisas» para purificar os ares. Entendem que o tufão é demais na natureza.

O que é *muito para notar* é que os proprios tolerantissimos concedam plenamente o direito da censura e até uzem d'elle, quando se tracta de opiniões *litterarias* e principalmente *politicas*. Abandone alguém a sua facção, e passe-se a outra contraria. Embora o não faça por um movel abjecto, acoimam-no de traidor, de *renegado*; assoalham o seu passado para lh'o atirar ás faces, apontam-no á hillaridade publica.

Mas se a questão é *religiosa*, então o caso muda de figura; então o grifo do abutre encolhe-se-lhes no suavissimo pello da pata da lontra. Tudo são tolerancias, e mais tolerancias, respeitos, e protecções concedidas. Assim, se um Guilherme Dias, que hontem foi actor e padre e hoje é actor menos padre, der o solemne escandalo de abjurar o catholicismo e a Igreja para fazer-se protestante, isto é, para casar com uma comica, e travar d'uma penna de pato para garantir umas sedicões objeccões contra a Igreja catholica, arrastando talvez consigo á heresia muitos simplices, não é licito proferir uma palavra severa contra o renegado, e estigmatizar o solemne

desplante com que, em nome de suppostas convicções, burla do publico. O que o fizer será accusado de intolerancia, uma d'aquellas magicas palavras que dão plena razão a quem tiver a feliz ideia de a empregar. De sobra vos conheço, meus atrafegados do «Commercio» e brigões da «Lucta». *Ad populum phalerast!*

O dever do catholico é ser humilde no que pessoalmente lhe concerne; mas sempre entendi e continuo a entender que uma hobre ativez não assentava mal ao defensor da verdade. O homem que está perfeitamente convicto e certo da posse d'ella não pôde deixar de a defender, e o que além de a possuir a estremece como a vida, não pôde deixar de a defender com pujança e vigor.

O abemolado da linguagem na apreciação do erro é proprio d'aquelles para quem tudo é *méra opinião* livre, e que de nada estão certas. Eis o segredo da tolerancia. Os que nos aconselham oportuna e importunamente a moderação pretendem arruinar á socapa a causa pela qual pugnamos, artificio digno de Juliano Apostata que aspirava a arejar as raizes do christianismo, desplantando-o, sob pretexto de tolera-lo.

Summo respeito, pois, para com os particulares, extrema brandura para com os escriptores, mas quando a honra e a dignidade do demandam, severa franqueza sem jorgalidades injuriosas. Chiarão as orelhas aos que têm o tympano demasiado susceptivel, gritarão os *bergerets* (hoje termo synonymo de Ennes ou de raposa) da imprensa, talvez até que certos myopes d'entre os catholicos levantem os hombros e mastiguem em secco sob a influencia do seu medo ou da sua moderação pueris, mas não importa; ergueremos a fronte que felizmente illumina as profundas convicções e os intimos amores da verdade catholica, fixaremos de frente os nossos adversarios desleaes, e não lhes regatearemos o termo proprio, ainda quando seja o de *apostata*, se o merecerem. O «Jornal do Commercio» agastou-se de que sobrescriptassemos este epitheto ao snr. Guilherme Dias, como se podessemos qualificar d'outro modo quem desertou da religião catholica. Parece que, sem querermos, tocámos n'alguma chaga chronica do collega de Lisboa...

A tolerancia augmenta na razão directa do scepticismo e da descrença. «N'este seculo de indifferença e duvida,» diremos com o illustre padre Ramière, «não se sabe geralmente comprehender o amor apaixonado da verdade nem o odio accentuado á mentira; não se distingue a colera culpavel, fructo do egoismo, da vehemencia que inspira uma ardente caridade.»

Entre os mesmos escriptores catholicos tem abaixado este amor apaixonado da verdade, talvez porque o oxige-

nio da crença que respiram já vai, sem o saberem, mais ou menos combinado com a *ozona* da atmospheria materialista que caracteriza o nosso seculo. Os Veuillotes e os Margotti são raros.

E não obstante, se houve epocha em que a rude fraqueza da expressão, e o vigor da polémica fossem um dever, é a epocha presente. Os nossos adversarios já não tergiversam, fallam-nos com o arreguenho de uma potencia, não negam tal ou tal ponto de doutrina, negam as proprias bazas da fé e mesmo da philosophia; não são victimas de preconceitos que abraçassem na melhor boa fé, são órgãos de um radicalismo consciente que aspira á destruição da Igreja.

Têm a pelle dura; já não se adormecem e domam a sopros de flauta como o ophidio do Canada, só caem, por assim dizer, á pedrada, como o philistea derribado por David. A unica arma que impoz eterno silencio aos Guérout, de la Guéronière, Havel, Viennet, etc., foi a funda de Veuillot.

Quanto ao meu humilde escripto «Critica á Critica,» elle apenas analysa com certo vigor e alguns assomos de *humour* e que ha de *publico* no procedimento do snr. Guilherme Dias. O articulista do «Jornal do Commercio» nem se quer leu a conclusão d'essa «Critica,» aliás veria que, se o homem que rebateu os necios sophismas do auctor da «Resposta» e chamou apostata ao apostata, se lembrou dos direitos e dos deveres do escriptor publico; o que, ao terminar a sua refutação, pediu perdão ao transfuga das palavras com que o tivesse melindrado, lhe declarou que ellas se dirigiam mais «ao escriptor que ao homem,» e que este sempre encontraria no coração do seu adversario «um fundo de compaixão,» e «uma prece aos pés de Deus,» o homem que assim se exprimiu, digo, não se esqueceu de que é mito de um Deus de caridade, e mostrou sufficientemente que, se havia indignação na sua penna, nenhum odio existia em sua alma.

PADRE SENNA FREITAS.

SECÇÃO RELIGIOSA

Vinte e cinco por cento!

Aos cem disparates dos protestantes vinte e cinco respostas sem replica, por um que leu a Biblia.

VIII

SÃO OS PAPAS, OS QUE INVENTARAM A MISSA?

Valha-me Deus! Saberão os protestantes ler a Biblia, que trazem sempre debaixo do braço? Que é a missa segundo os ca-

tholicos? O sacrificio da nova lei, em que se consagra o pão e o vinho, convertendo-os no corpo e sangue de Jesus Christo, isto é, fazendo o mesmo que o Senhor fez, mandando a seus discipulos que fizessem quando lhes disse: *fazei isto*. Logo não são os Papas, que inventaram a missa, mas foi Jesus Christo, que a instituiu, a não ser que os protestantes queiram protestar contra S. Paulo, contra a Biblia e contra o proprio Jesus Christ).

Os papas não fizeram mais que determinar certas ceremonias, que acompanhassam esse acto, sem acrescentar nem diminuir nada á sua essencia.

Podiam elles fazel-o? Por certo que sim porque eram successores de S. Pedro, a quem Jesus Christo encarregou de governar a sua Egreja.

Do qual facto resulta claramente outro absurdo, que pregam os protestantes, isto é, que na Igreja de Deus não existe hoje em dia sacerdotio, absurdo, que pretendem sustentar com as palavras de S. Paulo aos Hebreus.

Pois que é um homem que tem do proprio Deus a faculdade de consagrar o pão e o vinho, convertendo-os no corpo e sangue de Jesus Christo, com ordem expressa de offerecer esse sacrificio em *memoria d'elle*; um homem que tem por ordem positiva ensinar a todas as gentes, um homem que tem o poder de perdoar os peccados em nome de Deus, se não um sacerdote e sacerdote com verdadeiro caracter de missão Divina?

Os ministros, pastores, evangelistas, e pregadores protestantes, esses sim, que não tem um caracter sacerdotal, porque por confissão de si mesmos não se julgam com direito de consagrar, absolver nem offerecer sacrificio, de donde resulta tambem, que os protestantes não podem dizer com verdade, que tenham *um culto*, por que um culto sem sacrificio nem sacerdotio não é um culto, antes a negação de todo o culto: sendo por ahí manifesto o absurdo dos que pretendem ter entre nos *liberdade para seu culto*. Esta liberdade pedem-a para um culto que não existe.

IX

D'ONDE TIRAM OS CATHOLICOS NA BIBLIA, QUE O MATRIMONIO NÃO É DISSOLUVEL. A VONTADE DOS CONTRAENTES?

E donde tiram os protestantes que o seu Henrique VIII podia casar-se com quantas mulheres lhe aprouve?

Mas, sem embargo, a dissolubilidade do matrimonio não é cousa, que a queiram indistinctamente todas as innumeraveis séitas protestantes (todas querem ter razão apesar de se contradizerem reciprocamente, n'isto como em tudo mais). Mas como algumas reputam licito o divorcio, bom é, que vejam na Biblia bem explicita a lei da indissolubilidade do matrimonio.

Interrogado Jesus Christo pelos Sadduceus, se era licito repudiar a mulher, replicou-lhes: «O que Deus juntou o homem não o separará,» (1) e Moysés pela dureza do coração do povo hebreu, para cortar maiores males, havia permitido o divorcio,

(1) Math. 19.—6.

no principio (isto é, na lei natural) não havia sido assim e por isso «O homem deve permanecer com sua mulher,» (1), como a indica o Genesis (2), *Serão dois n'uma só carne.*

O mesmo disse depois S. Paulo: «Aos que são casados mando, não eu, senão o Senhor, que a mulher não se aparte do marido, e que este não deixe sua esposa (3). Leiam, pois, os protestantes a Biblia e vejam se podem harmonisá-la com o seu Henrique VIII de adúltera memoria.

X

E NÃO SERÁ IDOLATRIA PROIBIDA PELA BIBLIA, A DOS CATHOLICOS ADOBAREM OS SANTOS E A MÃE DE JESUS?

E será acaso offensa a alguém mostrar respeito aos seus amigos? Nós catholicos não adoramos os santos nem a Santissima Virgem; veneramos-os como amigos de Deus e invocamos-os porque vemos na Biblia que S. João viu no céu vinte e quatro anciãos, que levavam nas mãos vasos de ouro cheios de perfumes, que são as orações dos Santos. Enquanto ao culto da Virgem, Maria Santissima, basta, que digamos aos protestantes, que tão pouco a adoramos, senão que a veneramos, porque seria affronta para seu filho não venerá-la.

Invocamos-a, porque se as orações dos Santos são como perfume diante de Deus, muito mais devem ser-o as de sua mãe Santissima. Demasiado estreito é o laço de sangue entre Jesus e sua mãe, para que os catholicos pelo amor que devem a elle, não a venerem, não a invoquem e não a amem a ella, e demasiado odioso é para o demónio o nome de Jesus, para que os protestantes possam tolerar, que se dê culto a Maria.

XI

MAS NÃO SERÁ IDOLATRIA VENERAR AS RELIQUIAS DOS SANTOS?

A Biblia queiva-se de que os gentios profanaram as reliquias dos Santos, que foram servos de Deus, e disse: «Os gentios tem posto os restos mortaes dos seus servos para pasto das aves do céu, e as carnes dos Santos para o das feras» (4).

«Derrama, Senhor, a tua ira sobre os gentios,» (5) e queriam os protestantes que não honrassemos as reliquias dos Santos!

Que logica tão admiravel! para não sermos idolatras deveriamos fazer o que a Biblia reprehende nos gentios!

(Continúa).

PADRE RADEMAKER.

O MEZ DE MARIA

Esta tão singela e tocante devoção n'estes ultimos tempos tem-se, felizmente, propagado entre nós por cidades e aldeias d'um modo consolador. Em qualquer freguezia das mais sertanejas não é raro ouvir-se

de madrugada a voz vibrante do sino annunciando á boa gente do campo estes piedosos exercicios. E não obstante a faina do trabalho n'esta sazão das sementeiras, vão muitos render seu preito d'amor á Rainha do Céu cuja imagem parece meigamente sorrir-se, cercada de lumes n'um throno de flores; de flores! — emblemas dos castos affectos, que breve murcham, se forem da terra, immarcesciveis, se do céu.

Ha tantas em maio por montes e vergeis a narrarem a bondade inexaurivel do Divino Semeador, e haviam de fenecer todas na obscuridade dos vallados?.. Oh! não! Venham embalsamar com seus perfumes o ambiente do templo; sejam as interpretes da devoção e do amor; engrinaldem as aras da Senhora; prestem tambem homenagem á Mãe do Creator.

Todas as praticas do culto da Mãe de Deus, approvadas pela Igreja, são recomendaveis e boas; mas esta *do mez de Maria* tem certo attractivo particular, que exerce sobre o povo mui salutar influencia.

Em quanto sob a folhagem copada do arvoredo myriades de alados cantores entoam seus hymnos, que atravez do espaço são ouvidos por Aquelle, que, na linguagem da Escripura, escuta complacente até os grunidos dos corvos, o rei da criação, soberano decabido, eleva tambem sua voz, suspirando as canções do exilio, em que se traduzem esperanças na mediação d'Aquella, a quem no cimo do Calvario o Filho moribundo deixou por legado as lagrimas do homem.

No meio do concerto geral da natureza, não devia ficar calada a voz humana, que nunca se ergueu supplicante até a Mãe de Misericordia, que não fosse correspondida por beneficios sem conta.

E's, com effeito, bendita entre todas as mulheres, ó Virgem de Nazareth! Tens no céu as mel dias das citharas dos anjos, na terra os affectos de corações ingenuos, que sobem até vós d'envolta com os aromas que se exalam da corolla das rosas!

Muito se hão de rir d'estas *crendices* os *sabios* do positivismo! Realmente o catholico é um *animal* bem difficil de domesticar! Apesar de todos os fulgores que despedem esses luminares da sciencia, que com a palavra e com o exemplo lhe pregam e practicamente lhe ensinam que a unica felicidade verdadeira é o gozo da materia, a satisfação dos sentidos, este caturra *descendente do macaco* teima em crer-se destinado a um fim mais alto, alcançando de continuo os olhos ás regiões do infinito!

Troca por *chymeras* os bens reaes e palpaveis da philosophia positiva! E' verdade uma negra ingratição para com essa philosophia *benemerita*, que tantos beneficios espalha, tantas lagrimas enxuga!...

Mas desviemos a vista d'estes tortulhos da arvore social. Preservemo-nos d'esses miasmas, que se levantam dos brejus de corações corrompidos. O embrutecimento da razão e aberrações do espirito são o castigo ignominioso, que Deus inflige aos Nabuch donosores orgulhosos.

A veneração e o amor encendido dos povos para com a Mãe de Jesus tem respondido em todos os seculos aos rancores da heresia, que não ha cessado de ultrajal-a desde Nestorio até ao frade apostata,

que ultimamente em Roma fez affixar nas esquinas das ruas cartazes blasphemos.

Vem de longe esta crença, está muito arreigado este amor.

Proclamam-no bem alto os edificios magestosos da Batalha, Alcobaga e Belem: dizem-no as centenaes de capellinhas que coroam as cristas dos nossos montes.

Do meio d'esse ruído confuso formado pelo labutar do commercio, afan da industria e orgias da politica, semelhando uma tempestade ao longe, destaca-se e eleva-se serena a oração do crente a protestar contra os excessos d'osta sociedade materializada, attestando que a abnegação e a fé não são uma mentira; pois que n'estes tempos de sensualidade e egoismo ainda ha quem abraçe a *loucura* da Cruz.

As homenagens e as supplicas, que n'este mez por excellencia das aves e das flores, sobem até ao throno da Rainha do Céu, onde impora o que deu trinados e plumagem a umas, fragrancia e cor a outras, são symptomas consoladores de vitalidade catholica. A Intercessora entre Deus e os homens, que, a impulsos d'um coração divinamente maternal, trocou por vezes os esplendores das diaphanas regiões que habita, pelas nuvens negras d'este valle de miserias, a fim de aconselhar *penitencia* ao mundo desvairado, ha-de compadecer-se d'um povo, que na sua parte sã lhe é devotamente affecto, ha de certamente lembrar-se d'esto Portugal, velho alquebrado, que com os pulsos ainda roxeados de cadeias esforçadamente partidas foi, entre jubiloso e triste, acolher-se um dia nas dobras do seu manto.

Mas os nossos doutores, não obstante o juramento, já não defendem a sua Immaculada Conceição. Que importa?

Mais vale a crença do simples que a tumidez do sabio. Crê e bendiz-a a mulher do povo; ergue para ella as mãos a creancinha innocente; offerece-lhe dadivas valiosas o rico poderoso; da-lhe lagrimas e flores o pobre desvalido. Sauda-a o lavrador, quando o sol nasce; louva-a com o rosto banhado em suor quando o dia expira. O pai e a mãe podem-lhe benção para o seu primogenito; volte-lhe olhar supplicante o moribundo nas vascas da agonia. Resoam os seus louvores em cathedraes sumptuosas; murmuram-se-lhe precos em igrejas humildes.

Do navegante é estrella, do peccador é refugio; amam-na felizes que cantam e desgraçados que choram.

E' conhecida e exaltada desde o palacio á choupana, do Oriente ao Occidente. E' emfim, na phrase de S. Cyrillo, — thesouro do universo, por quem o Céu triumpho, os anjos se alegram e os demonios fogem.

E ha desventurados que o desconhecem!

Perdão para os cegos, ó Mãe caroa-vel.

Que não consigam contaminar-nos com o lodo venenoso d'uma sciencia mentida esses doutores, a quem na sua 2.ª Epistola S. Judas chama — *nuvens sem agua, agitadas de turbilhões, para os quaes está reserçada a obscuridade das trevas.*

Salvê, Senhora! Possam as auras perfumadas d'este mez de beijações, que a pie-

(1) Ibid.—5.

(2) Cap. 2, v. 24.

(3) 1 Cor. 7, 10.

(4) Ps. 78, 2.

(5) Hid. 6.

dade catholica te consagrou, dissipar os nevoeiros espessos de mentes extraviadas e levar-te os votos sinceros dos filhos que amas!

PADRE F. DOS SANTOS E CUNHA.

SECÇÃO LITTERARIA

Atravez dos jornaes

Um certo «Jornal da Noite», jornal moderado entre os mais moderados no campo liberalesco, escrevia em seus n.º de 11 e 12 de abril, em polemica com o inqualificavel *aravgado* «Jornal do Commercio»:

«Tem os possuidores de inscripções (a temer, os governos sem senso commum, as revoluções... e de mais a mais o susto permanente em que os trazem as theorias do collega e as práticas ameaçadoras dos partidos que *aravcam e nos empurram* em nome do progresso... *vers l'abime.*»

Muito bem! E então que ha que se lhe diga?—perguntarão os leitores.

Esperem. Logo na pagina seguinte, n'um artigo sobre *Hespanha*, lê-se:

«O padre Beck (sic) (1) dirige uma milicia immensa e perfeitamente adestrada e tem como auxiliares muitos milhões de confrades de habito curto... *E' porém provavel que triumphem as ideias avandadas, por que com ellas e por ellas está o espirito do seculo e essa força é invencivel.* O combate está travado e breve conheceremos qual o resultado.»

Agora percebem?

O «Jornal da Noite» é pró e é contra os avandados que nos «empurram para o abysmo»—*vers l'abime.* Assim, com um pé em cada campo, ou sentado em duas cadeiras, é que se está seguro e *à moda!*... (2)

O mesmissimo doutrinario «Jornal da Noite», fallando da *França*, no dito n.º, escreve com immenso chiste, referindo-se á estupidamente tyrannica lei Ferry contra a liberdade de ensino:

«Na reforma (?) do ensino está travada a lucta entre os elementos liberaes e o partido ultramontano, dirigido pelos Jesuitas, em cujas mãos habillissimas (favores) tem estado até gora *quasi* que monopolisado o ensino.»

Aquelle *quasi* não será de mais ou de menos? Consulte a consciencia o «Jornal da Noite.»

—Se porém tiver duas e oppostas?

—N'esse caso consulte a mais velha: deve ter mais juizo... Parece-nos impossivel que ambas tenham a mesma idade... Se tiverem, não consulte nenhuma; é escusado. *Visi utile est quod facimus.*...

Se aos redactores do *nocturno* se intimasse em nome da *liberdade* e sob o pretexto do seu *quasi* ou não *quasi monopolio* jornalístico, ordem de nunca mais escreverem gazetas, o que diriam s. s.º ou exc.º?

(1) Queria dizer «Beckx»—o respeitabilissimo ancião, Geral dos Jesuitas.

(2) O fundador Teixeira de Vasconcellos já dizia: «Na redacção do meu «Jornal» só eu sou monarchico; todos os demais são republicanos.»—Viva a esquina!.. Vivam!.. por que ha muitas...

Naturalmente franziam o sobr'olho e davam a patria em perigo. Não sabemos se s. exc.º são *ultra* ou *cis*-mon-anos, se envergavam *l'ga*, fraque ou farda; mas que envergassem uma roupeta, curta ou comprida pouco importa, e que fossem *cis*, *ultra* ou *medio*-montanos, deixariam por isso de ser cidadãos muito prestimosos e respeitaveis?.. Mereceriam por isso uma lei de excepção o de *liberdade* que os reduzisse á condição de párias? Meditem.

Desmente-se *officialmente* (sic) a noticia trazida ha poucos dias pela italianissima «Gazzetta d'Italia», segundo a qual o coronel Hepp, addido á embaixada franceza, encontrando-se na casa de campo Zante teria pronunciado palavras ultrajantes contra os italianos. A tal «Gazzetta» conta que o coronel Hepp pronunciou pouco mais ou menos estas palavras: *Quelle belle position! Je ferai de ce salon mon cabinet; et je placerai là mes canons quand nous reviendrons à Rome pour en chasser ces charognes d'Italiens!* O desmentido parece certo; todavia... Dos *ruges-ruges* se formam os *casaveis*.

Na França o cidadão Courneaux, que nas ultimas eleições obteve em Reims o maior numero de votos, tinha declarado a necessidade de alugar as igrejas, e prometteu por sua parte o aluguer de cem mil francos pela cathedral de Reims! Haverá pouco mais de uma duzia de annos que Victor Hugo fez semelhante proposta, lembrando que os ricassos judeus não teriam escrupulos.

Por estas e por outras são estes homens os queridinhos dos *moderados*, *conservadores*, etc., do terceiro estado... da laia do «Jornal da Noite», do «Diario da Manhã», *et reliqua.*

Andem, andem!... Preparem a cama...

O «Berliner Tablet», jornal allemão, nota que nunca se viram em França tantos processos de imprensa quantos são promovidos presentemente por funcionarios republicanos. E são estes *campeões da liberdade universal* que gritam tanto contra os *reaccionarios*. Um jornal francez accrescenta: «Se isto só fizesse rir a Europa, não haveria grande mal. Mas o peior é rirem-se todos da França e repetir-se por toda a parte a proposito da politica franceza o *risum teneatis*, de Horacio.

O que diz a isto a nossa queridinha e muito sincera «Democracia»?

As escholas «congreganistas», ou dirigidas por membros de Ordens religiosas, em França, são bastante inferiores em numero ás escholas *leigas* ou dirigidas por seculares; no entanto têm obtido um numero TRES VEZES MAIOR de approvações com premios. Sobre as duas mil bolças ou logares gratuitos nos institutos do governo, postos a concurso n'estes ultimos trinta annos, 1517 (mil quinientos quarenta e sete) foram obtidos por discipulos congreganistas, ao passo que os *leigos* só obtiveram 494.

Além d'isso, sabem quanto custa uma

eschola congreganista, termo medio? Pouco mais de 700 francos.—E uma *leiga*? De 1:600 a 2:000.

De modo que os religiosos ensinam melhor e mais barato. Por tanto o povo não os pôde soffrer, e em nome da *soberania* do dito, fóra!

O que dizes «Democracia»? E ao amigalhote «Jornal da Noite» o que se lhe *offerece* sobre o caso? Quisá-quisá que os frades querem o monopolio e o heroico Ferry—*e converso*—a liberdade!... Se o preto é branco e o branco preto!...

N'esse caso... *tableau!*

Se não gostam, lá se avenham com o «Figaro», d'onde extrahi a noticia.

A «Gazette de France» affirmou tambem ha oito dias apenas que dos collegios dos jesuitas entraram na eschola superior de Saint-Cyr 1:281 alumnos; na Polytechnica 458; na Naval 189; na Florestal 59, e na Central 288.

O numero dos alumnos sahidos no mesmo espaço de tempo das escholas *leigas*, muito mais numerosas por certo, para entrar n'aquelles institutos superiores, foi TRES VEZES MENOR.

Ergo... falletem a «Democracia» e o «Jornal da Noite» contra o monopolio... Querem a liberdade de ensino os jesuitas de França? A coisa é facil; ensinem mal e façam um viveiro de... *rapozas*. Aliás *aqui de republica* contra o *monopolio!*

E' claro como tinta de escrever.

Lêmos no *incolor* «Diario de Noticias», de 19 de abril:

«O sr. ministro da marinha apresentou hontem na camara electiva os seguintes projectos:

Para se proceder, no estado da India, á venda de todos os predios rusticos e urbanos pertencentes ás fabricas das igrejas, confrarias, irmandades, convento de Santa Monica, juntas de parochias, camaras municipaes, universidades, cabido e collegiadas do mesmo estado.»

Assim é que se faz! E somos catholicos! E as determinações canonicas do Concilio de Trento são *leis* do reino!... E depois admiram-se do *dimittat officium suum*, vindo de Roma, a que se refere o *Liberalismo Desmascarado!*

UM VIMARANENSE.

A eschola classica, a pintura e a litteratura em Hespanha

(Continuação)

Estamos em fins do XV seculo, epoca em que começa a raiar na Italia a idade de ouro da pintura.

Ja os irmãos Van-Eik tinham descoberto o verdadeiro uzo da pintura a oleo e Brunelleschi, Paulo Ucello e Pedro della Francesca, creado a sciencia da perspectiva.

Um estudo mais attento da natureza, auxiliado pelo estudo dos modelos gregos, tinha tornado o desenho mais correcto, e as côres, com os mil cambiantes que

a luz lhes faz experimentar, mais verdadeiras.

Estavam, pois, creados, pelos esforços seculares dos artistas christãos, todos os elementos necessarios para o esplendor da pintura: só faltavam os genios immortaes, que, lançando mão d'estes elementos, haviam de fazer-lha caminhar por mundos nunca d'antes trilhados. E Leonardo de Vinci e Corregio, a suprema graça, Miguel Angelo, a suprema força e arrojo, Rafael, a suprema belleza, são esses titães que escalarão o céu da arte para darem aos homens estupefactos os innumerados primores de seus magicos pinceis.

E' certo, porém, que o seculo aureo, em que appareceram mirificos pintores christãos, foi tambem aquelle em que a arte propriamente se paganizou.

Os artistas, á torça de estudarem os modelos classicos, de tal modo se incarnaram n'elles, que agrilhoaram o genio ao naturalismo pagão em menospreço do espiritalismo christão.

A Venus de Boticelli é uma data na historia. Marca o principio do reinado dos sentidos sobre o espirito.

A inspiração que até aqui vinha exclusivamente da religião catholica, toda rescedente de pureza e candura, foi bebida a largos haustos no polytheismo. divinisação de todas as paixões. João Bellini, o austero pintor de Madonas, compoz na ultima quadra da vida uma Baccanal; foi o testamento que legou a seu discipulo Ticiano, o pagão por excellencia.

As suas lubricissimas Venus e a Danae seduzida por Jupiter, metamorphoseado em chuva de ouro, são outras tantas obras primas da arte puramente pagã.

A forma é tudo, contanto que seja a belleza lasciva e provocante.

Muitos pintores da renascença ainda buscam os seus assumptos nos fastos gloriosissimos da Igreja; mas ao traduzil-os na tela quasi apagam o celeste ideal christão com suas figuras demasiado terrenas.

Não é porque o catholicismo, como muitos julgam, condemne e despreze o estudo minucioso da natureza, o conhecimento da anatomia, e a perfeição plastica, não.

O que elle ensina é que o homem não é só materia; que é dotado de um espirito immortal que o anima e vivifica, capaz de ascender pela virtude e pela graça até á perfeição angelica e que por isso as creações artisticas devem deixar entrevêr esse ideal a que todos devem aspirar.

Rafael, o incomparavel Rafael, que tocou o sublime da arte christã na *Disputa do Santissimo Sacramento* e que encontrou tintas na sua prodigiosa palleto para representar a purissima figura da Mãe de Deus na *Madonna del Granduca*, não corou ao prostituir os seus pinceis consagrando-os á licenciosa historia de Psyche, ou em tomar como typo da Virgem na *Madonna della Seggiola* uma simples Fornarina de reputação menos illibada.

E' que a renascença vinha pela mão da duvida religiosa, nascida d'uma falsa sciencia, e o sensualismo pagão, galopando por sobre a fé, escandecia os cerebros dos mais privilegiados genios.

A arte hellenica, que é a mais perfeita expressão do genio e do sentir de um po-

vo, transplantada para a nossa civilização com caracteres tão differentes, foi como um principio morbido inoculado n'um organismo pujante de vida.

Preciso de fazer bem sentir que não me refiro aqui tanto á belleza da forma, em que primaram os gregos, como principalmente ás ideias e sentimentos que os animavam e dos quaes a plastica era simplesmente o vestido natural.

Já disse que de dous elementos igualmente essenciaes se compõe a arte; um sensível e objectivo, outro ideal e subjectivo; e é da união íntima e fusão completa d'estes dous elementos que resulta a sua perfeição, como da completa alliança da alma com o corpo resulta este nosso maravilhoso conjuncto, a que chamamos homem.

Foi n'esta verdadeira comprehensão da palavra—arte—que os preciosos talentos dos gregos mostraram a sua competencia sem rival, e as suas creações, que ainda hoje tanto nos maravilham e que tão funesta influencia exerceram, são d'ella o mais acabado modelo.

«Ha um momento na historia da arte hellenica, diz F. Tubino, no qual, inspirando-se o artista na atmosphera que respira, executa as suas obras sugereando-se á ideia que mais caracteriza aquella civilisação.

O grego, enamorado da bella natureza, rende culto á forma como não renderia nenhum outro povo, e eleva a personalidade humana até á apothecose. A belleza plastica, o rythmo dos movimentos, o concerto do equilibrio das partes materiaes do corpo e das forças, a olympica serenidade e fixidez da expressão e graça dos contornos, o decoro da attitude: eis aqui os elementos que ha-de exprimir o mestre quando se chama Phidias, Apelles ou Polignoto.

Cinzelando o marmore que extrahi do Pentelico ou de Paros, o artista só tem em mira offerrecer ás multidões simulacros do typo humano com a aureola esplendente de luz e harmonia em que o colloca a philosophia.

Venus Aphrodite sahindo das ondas crystallinas, nua, mas cingindo o brilhante cinto da graça, é creação propria da escultura hellenica: todas as demais figuras desde Diana até Hebe, desde Apollo ou Orpheo até Endymião ou Jupiter, são simples reproduções do padrão primitivo, modos ou phases de um conceito unico, a belleza sob a sua relação puramente antropomorphica.»

Deve, porém, notar-se que a percepção exquisita da belleza da forma e o profundo sentimento da vida de que foram dotados os artistas gregos, são corollarios das ideias e sentimentos essencialmente terrenos, que lhes inspirava o polytheismo.

As opiniões encontradas dos diversos systemas de philosophia, fomentando o scepticismo religioso, levou os gregos á divinisação de todos os vicios e paixões, creando um olympo de deuses feitos á sua imagem.

Como, pois, nada os impulsionava para uma ordem de ideias que não fossem as puramente naturaes, as suas admiraveis facultades estheticas concentraram-se nos limites da belleza humana em que foram inexcediveis.

Pelo contrario, o christianismo, abrindo rasgados horisontes nos vastos dominios do espirito e fazendo subir o homem de perfeição em perfeição até Deus, e não como o paganismo obrigando Deus a descer de degradação em degradação até o homem, poz a sua mira principalmente na belleza moral. Não quer isto dizer que a arte christã descure a belleza phisica, mas sim que os sentidos devem ser subordinados ao espirito, que a formosura da alma deve reflectir-se no rosto espiritualizado, e que o ideal é tanto mais elevado, quanto mais engrandece, civilisa e aperfeicoo o homem.

Eis por que a arte christã, que se inspira na religião e na moral outorgada pelo proprio Deus ao homem, é e sera sempre infinitamente superior á arte pagã, que se inspira na religião e na moral, creada pela phantasia do homem, sempre propenso a galvanisar as paixões; podendo por isso dizer-se, com toda a affouteza, que o renascimento d'esta foi um verdadeiro retrocesso, que veio mudar o curso natural das bellas artes, que até então se nutriam da abundantissima seiva da Igreja catholica.

Nem se creia que os grandes genios que promoveram a renascença foram grandes porque abraçaram a arte classica; pois estou bem convencido de que teriam sido maiores se continuassem o sulco aberto pelos artistas exclusivamente christãos.

Sirvam de prova as suas produções. N'aquellas em que a ideia e a forma é puramente pagã, elles nada crearam superior aos seus modelos, antes lhes ficaram inferiores, bem ao contrario d'aquellas creações em que atravez das bellas formas deixam transparecer a ideia christã.

Talvez alguém julgue ser esta questão pouco momentosa na actualidade, depois que a esc. da romantica dogmatizou a liberdade, abandonando as formas convencionaes, as regras prefixas do bello e a immobilidade do modelo grego, e chamou a arte á expressão das ideias e sentimentos hodiernes.

É todavia certo que esta nova phase da arte espedaçando as regras fixas e todas as convenções classicas, continuou conservando-se fiel ao naturalismo gentilico, de que o realismo contemporaneo é a ultima degeneração. Todas estas escolas sacrificam nas aras da natureza e só da natureza.

O espirito do artista paira sobre o que apalpa com os sentidos. O seu ideal não se remonta além da terra.

A differença está em que a escola classica encarava a natureza pelo lado que tinha de mais bello e seductor; e o realismo, na impotencia de originalidade, consagrou o grotesco e o feio, copiou o trivial e o vil e photographou a obscenidade no que ella tem de mais repellente.

Talvez que esta extrema decadencia da arte moderna, materializada até á medula, seja um prenuncio da rehabilitação da arte christã.

Na Allemanha já se ouviu o toque a rebate chamando os artistas á espiritualisação da arte, segundo a ideia christã, a mais elevada e sublime aspiração do bello.

Prasa aos céus que a voz de Overbeck eccõe bem cedo no mundo catholico, e o artista, allumiado pelo sol da graça, estadeie

as azas do genio por essas novas regiões de vida e de luz patenteadas ao homem pelo divino Redemptor.

(Continúa).

PADRE F. SANCHES.

SECÇÃO POLEMICA

De bom grado publicamos a seguinte carta:

Sur. redactor.

Uma carta dirigida pelo snr. Souza Monteiro a essa redacção e que acabamos de ler, nos suscitou alguns reparos, que não omittiremos, pois versa ella sobre pessoa e assumpto, que nos tocam inui de perto; mas tambem é esta, além d'outras, a razão porque não vimos com disposições de entrar na liça, discutindo com um illustre athleta adestrado nas pugnas do jornalismo.

Alongar-nos-hiamos mais do que intentamos e do que permitem nossas habituaes occupações, se quizessemos acompanhar o snr. S. Monteiro em todas as suas ponderações; por isto, e porque nos fálleem conhecimentos, limitarnos-hemos a notar aqui as considerações que nos foram suscitadas por aquella carta.

Tambem é dever nosso declarar previamente, como de outras vezes temos feito, que não pretendemos defender a pessoa de s. exc.ª o exc.º bispo de Bragança. Não porque de algumas expressões do snr. S. Monteiro a critica maliciosa não podesse fazer ressumbrar alguma censura para s. exc.ª rev.ª; mas porque o illustre prelado está bem alto para que as nossas palavras possam desanuviar seu nome de qualquer sombra que sobre elle se pertenda projectar, e tambem por nos parecer que tal não é a intenção de s. s.ª

Feitas estas declarações passamos ao que nos propozemos; antes porém permittamos s. s.ª corrigir uma inexactidão em circumscripção diocesana: Sernache do Bonjardim está situado em territorio pertencente ao gran-priorado do Crato, actualmente administrado por s. exc.ª o snr. Patriarcha de Lisboa, e não na diocese de Castello-Branco, como o snr. S. Monteiro diz na sua carta.

Faz ali algumas perguntas, que *deixa sem resposta*, que nos não parece difficil, mesmo sem haver outros dados que os discursos do ex.º bispo de Bragança: não a daremos porém, porque não desprimoremos aquelles documentos com quaesquer interpretações nossas.

Não entramos na questão: se as ordens religiosas sejam indispensaveis para christianisar os nossos irmãos d'além-mar, nem tão pouco se o actual systema da nossa missão ultramarina seja proficuo para aquelle fim; os factos se encarreguem de nos illucidar sobre este ponto. Notaremos ainda assim que as informações dadas por s. exc.ª rev.ª são veracissimas, e em vista d'ellas podemos seguramente affirmar que alguma coisa se tem feito, e que se fôr dada a instituição a latitude, que parece estar no animo do actual governo, e deverá estar no de todos, qualquer que seja o seu *credo* politico, com o auxilio divino, muito mais se poderá fazer.

Não entramos n'estas questões porque além de sentirmos falta de recursos nos não propozemos escrever um artigo doutrinal pelo não julgarmos opportuno.

Receia o snr. S. Monteiro que da organização de missões para o ultramar, conforme o plano e proposta de lei do actual superior, resulte um *estabelecimento hybrid*; não nos parecem, porém, fundados taes receios.

O fim que se pretende conseguir, cremos, e para o affirmar não temos outros elementos que os do dominio publico, o fim que se pretende com aquella organização é realisar uma aspiração mui digna, preparar homens convenientemente moralisados por uma educação religiosa, os quaes vão á Africa exercer os mistères a que se hajam votado, e que a par do ensino e exercicio do seu respectivo officio vão inoculando nos povos o amor pela civilização e pela prática da religião.

E como conseguir isto ?

E' de facil concepção.

Quem ha ahi que não comprehenda como jovens, que professem as artes em escholae annexas ou adjunctas ás casas, onde se eduquem os missionarios, vivendo sob o mesmo tecto, sentando-se á mesma mesa, tendo os mesmos directores no que respeita á doutrinação e ensino religioso na convivencia intima de uns e outros, respirando em um meio saturado de piedade, quem, dizemos, que não veja como taes jovens virão a ser, onde quer que se achem, homens amantes da religião, por seus bons exemplos edificantes chefes de familia, cidadãos moralisados e por isso probos e dignos?

Sabemos que o desenvolvimento das nossas possessões ultramarinas é um dos objectos que mais nos preoccupa, e que é indispensavel para a manutenção do nosso decoro nacional; as obras publicas têm ali tomado ultimamente incremento consideravel, para isto carecemos

lá de operarios que ensinando aos indigenas, e quanto não ha a ganhar sob o ponto de vista assim religioso como social, que taes operarios ou pelo menos seus chefes e directores tendo recebido educação religiosa, como apontamos, tenham um proceder christã, e como taes sejam, porque assim o digamos, uns coadjutores dos missionarios ?

A Africa está hoje attrahindo todas as atenções, em breve attrahirá os capitães, e estará patente a todo o genero de exploração, para lá são necessarios homens que a realizem, pois que os indigenas não bastarão ainda, e a nós cumpre encaminhar as coisas por fórma que entre elles figurê gente, cuja educação seja garantia de moralidade.

Lembremo-nos que a classe, cuja educação se pretende aggregar á dos missionarios, é indubitavelmente aquella em que mais proselytos conta o socialismo, e que para este o antidoto mais poderoso, o unico, o unico efficaz, é a sólida educação religiosa, que assim se quer ministrar aos individuos de tal classe, que irão para paizes, onde a especulação de propagação se fará mais ampla e facilmente pela falta de elementos policiaes, e portanto onde é necessario applicar maior dózo d'aquelle antidoto.

Tem-se dito que uma das causas da nossa decadencia ultramarina tem sido a incuria dos governos na escolha dos funcionarios, e com quanto este mal comece de ser remediado, parece-nos que a realisação do alvitre do exc.º snr. bispo de Bragança vae satisfazer a uma outra necessidade não menos instantane.

Não atinamos qual seja o intento do snr. S. Monteiro com a designação de *missionarios civis*, mas está a parecer-nos uma insinuação um pouco malevolta, impropria do auctor, e mal cabida a quem se dirige, mas por agora suspendemos o nosso parecer, e vamos concluir esta, não por haver dito tudo o que nos occorre sobre a materia subjeita, porque receiamos ultrapassar os limites que nos impozemos.

Por ultimo, rogando ao snr. S. Monteiro que se não dôa muito com qualquer dispendio que o estado haja de fazer com a sustentação de tão uteis quanto necessarios estabelecimentos, lie pedimos tambem nos releve o atrevermo-nos, nós obscuro e bisonho, a virmos como pôr-nos em justa com um denodado e antigo lidador do jornalismo como s. s.ª é.

Sernache do Bonjardim, 24 de abril de 1879.

Francisco Martins.

Os nossos bispos na camara dos pares

**Discurso de s. exc.ª rev.ª
o senhor bispo de Bragança
e Miranda,
na sessão de 9 de maio.**

Snr. presidente, pedi a palavra por parte da commissão, porque, não estando presente por motivo justo, o digno par, sr. Agostinho de Ornellas, relator do projecto que está em discussão, julgo, como iniciador do pensamento que faz o assumpto do projecto, cumprir-me o dever de offerecer resposta ás observações do digno par que acaba de sentar-se, e ao mesmo tempo declarar qual o pensamento que presidiu á formação d'este projecto.

Creio que o digno par, o sr. Costa Lobo, começou por observar que, havendo outros conventos em Lisboa, lhe parecia mais conveniente applicar qualquer d'elles, que se entendesse adequado, para se fundar o collegio filial das missões ultramarinas, a que se refere o projecto, do que destinar para esse fim o convento de Chellas, porque ficando elle distante de Lisboa umas poucas de leguas, o ensino não se poderia ministrar tão proficuamente.

Começarei por observar que o ensino do collegio deverá ser interno; assim o prescreve o decreto dos estatutos do collegio de Sernache, do qual o collegio, a que nos referimos, será filial, na conformidade da carta de lei de 12 de agosto de 1836; o contrario, certamente, seria prejudicial á observancia da disciplina.

Quando, porém, conducente fosse, ou talvez possa ser para algumas especialidades, concorrerem alguns alumnos a ouvir lições em qualquer dos estabelecimentos scientificos na capital, a collocação do collegio no convento de Chellas não seria, ou não será incompativel.

Chellas está a distancia de Lisboa talvez um kilometro, ou pouco mais; certamente não chega a dois.

D'aquelles mesmos sitios, um pouco mais longe do que o convento, vinha eu á capital frequentar diversas aulas nos annos da minha mocidade; e depois vim, por tempo de tres annos, todos os dias, a S. Vicente, reger a aula de historia ecclesiastica, ali estabelecida, antes de funcionar o seminario de Santarem.

Entendo, portanto, que o collegio fica estabelecido em muito bom ponto: tem as vantagens de tanta proximidade de Lisboa, sem soffrer os inconvenientes do bulicio, que sempre contraria os habitos do estudo.

Não me parece, mesmo, haja dentro

de Lisboa convento algum devoluto. Creio bem que, da parte do digno par, houve equívoco acerca da distancia do sitio de Chellas.

Pôde ser que, havendo na minha diocese um outro sitio chamado tambem Chellas, nas proximidades de Mirandella, se haja suscitado o equívoco.

A outra observação de s. ex.ª foi, me parece, acerca do ensino agricola e de artes fabris, que o digno par julga deveria ser tomado pelos ecclesiasticos que se destinam ás missões, pois não lhe parece que essas applicações destoem do character apostolico dos missionarios.

Concordo com o digno par em que não destoam do character dos missionarios dedicarem-se a esses misteres, pois cada um d'elles deve ser homem para valer a todos e para praticar tudo o que é bom, tudo o que é util aos neophitos, não só para os instruir na religião, mas tambem para os civilisar, e arrancar-os aos habitos de indolencia e vida das selvas.

Todavia convem notar a differença que existe entre o facto de se applicarem por sua espontaneidade a qualquer outra util profissão os missionarios, e o de se fixar n'um regulamento a obrigação de serem habilitados com essa ordem de conhecimentos.

Sei, e todos sabemos, que mui illustres missionarios, os antigos monges, alguns dos primitivos padres da igreja (como por exemplo aquelle de que ella hoje resa, S. Gregorio de Nazianze), e os proprios Santos Apostolos, exerceram uns a vida rural, outros varias artes mechanicas, e estes ultimos a humilde e laboriosa profissão de pescadores, e mesmo depois já de estarem constituídos pelo Divino Mestre conquistadores do universo pelo imperio e virtude da sua voz.

É assim que logo depois da resurreição encontramos escripto que Pedro, João e Thomé tinham ido lançar as redes da pesca n'uma das occasiões em que Jesus Christo se lhes manifestára resuscitado.

Observa um santo padre que aquelles apostolos voltaram ao exercicio das redes: mas que Matheus não voltou ao de telonio, porque mais opposto ao character apostolico é a ganancia dos altos lucros, do que os empregos mechanicos, que a ninguem fazem deshonra, nem importam alheio gravame.

No entanto é certo que as leis canonicas, que respeito immensamente, e que são todas muito bem pensadas, inibem os ministros da igreja de exercerem profissionalmente certos misteres, que aliás são uteis em si e relativamente licitos.

E porque o inibem? Por dois motivos: primeiro porque toda uma vida inteira, applicada á meditação e ao estudo das scien-

cias moraes e das letras sagradas parece pouco para o emprego do homem, que se quer dedicar á instrucção moral e religiosa do seu semelhante, que lhe quer ensinar as regras da vida santa, e caminho seguro da salvação eterna; é arte mui vasta e complicada para soffrer outras divagações; absorve ella bem toda a attenção, de quem procura profundal-a, e como que para nenhuma outra deixa tempo nem vagar.

Assim é a missão de prègar a fé e de annunciar o Evangelho, e de o levar á presença de todos os homens, grandes e pequenos, para combater os vicios, que se arreigam, e persuadir as virtudes que nos fogem, ou antes, de que nós fugimos: é um ensino que, além da vastidão do seu objecto, tem de ser tão variado em relação as condições d'aquelles, a quem se deve dirigir, que não é bem que outra occupação o distraia.

Effectivamente, como disse S. Jeronymo, toda a vida do homem que é de curta duração, por mais prolongada que seja) não lhe basta para o que assim deve saber.

Elle bem podia assim dizer, porque era mestre, e mestre bem experimentado; n'uma idade já avançada limou os dentes para pronunciar com melhor accento as palavras das linguas hebraica e chaldaica, de que fazia uso nos seus trabalhos exegeticos.

Ainda ha outra razão de ser vedada aos ecclesiasticos a profissão de artes mechanicas e lucrativas: é para que, pelo seu emprego, não se introduzam no espirito dos ministros da religião as ideias dos trafficos seculares, alheios á sua profissão, e não possam assim descuidar-se da sua verdadeira missão, da sua verdadeira sciencia, da sua verdadeira arte, por assim dizer *ars artium regere animos*.

Aqui estão, snr. presidente, as razões por que eu não introduzi no projecto nenhuma disposição com relação ao ensino das artes fabris obrigatorias para os missionarios, nem podia introduzi-la. Entretanto isto não inibe, que qualquer dos alumnos ecclesiasticos, que tenha tendencia para uma ou outra arte, possa observar como ella é ensinada e exercida, e se habilite para depois poder dar qualquer conselho a tal respeito e industriar n'ellas os seus neophitos. Parece-me que o ensino aos alumnos de que trata este projecto vae preencher os desejos do digno par. Creio que é escusado observar que este projecto tende a desenvolver n'um estabelecimento, que é do estado, um meio de bem satisfazer o espirito da sua instituição tal como o projecto a consigna: o regulamento que o governo houver de fazer providenciará para

que o fim, que é tido em vista, não seja iludido.

E que este assumpto é momentoso, não terei eu a pretensão de me arrogar demonstral-o.

O parlamento portuguez, que é a representação nacional, pronunciando-se claramente n'esta e na outra camara, mostra bem a attenção que lhe merece este assumpto, nem ha quem possa deixar de reputar interessante todo o assumpto que se refira á propagação das nossas missões ultramarinas: esta voz é unisona, e por vezes tem sido pronunciada com a energia que nasce da convicção; por isso vaidade seria inadmissivel pensar que reflexões minhas agora acrescentadas poderiam augmentar o peso da opinião pronunciada no parlamento.

Sobre esta questão, pois, snr. presidente, não abusarei da paciencia da camara, fazendo dissertações desnecessarias. Quando eu, em sessão de 1 de fevereiro d'este anno, apresentei o projecto de lei, que está em discussão, vi com muita satisfação que fôra bem acolhido de todos os lados da camara, e mereceu logo o apoio de alguns dignos pares: agora, em discussão, ninguem o impugna, pois que o digno par interpellante limita-se a observações; portanto nada mais tenho a dizer.

(S. exc.ª rev.ª foi complimentado por muitos dignos pares.)

EDIÇÕES DE PROP. CATHOLICA

O Liberalismo Desmascarado.

Transcrevemos para aqui a seguinte preciosa carta que ácerca do «Liberalismo Desmascarado» dirigio á «Religião e Patria» um respeitabilissimo ecclesiastico d'esta cidade:

Meu caro redactor.

Acabei de ler soffregamente o 2.º volume do «Liberalismo Desmascarado»... e lembrando-me que tinha feito umas breves reflexões ácerca do 1.º, publicado ha tempos, pareceu-me que tinha uma certa obrigação de fallar depois do apparecimento do 2.º, cujas excellencias, de mais a mais, excedem as grandes esperanças que o 1.º me tinha feito conceber.

Não quero dizer com isto que deva occupar-me em fallar d'elle exclusivamente e que pretenda fazer de duas apreciações parciais um juizo total e uma apreciação completa.

Eu não faço apreciações litterarias, nem dou sentenças em materia de critica; a minha alçada é muito mais modesta: limita-se ao direito commum de julgar o que pódo

ser julgado por todo o mundo, sem diploma e sem despacho.

Dada esta explicação que V. e o publico me levará em conta, deixe-me dizer-lhe que os dous preciosos volumes que fazem o assumpto d'esta correspondencia, fructos sazonados de um plano vasto e arrojado como o requeria a gravidade e a natureza do mal que tinham de combater, constituem a obra mais conscienciosa e acabada que por ventura se tenha comprehendido ácerca do «Liberalismo.» Ella abrange com forças athleticas este desmesurado Proteo dos nossos dias, revolve-o em todas as direcções, comprime-o vigorosamente até o reduzir ás proporções de alguma cousa que possa definir-se e examinar-se no seu conjuncto, expõe-n'o de todos os lados aos formidaveis clarões de uma investigação tenaz e implacavel, obrigando-o a manifestar, na insidiosa variedade de seus aspectos, a terrivel unidade de sua essencia: o Mal! e so o deixa repoussar depois de o ter arremessado aos pés da Verdade vencedora, desfeito em ruinas.

Esta obra, além do generoso ardimento da concepção e dos primores e graças do dizer, cujo subido valor será devidamente apreciado pelos entendidos, tem uma feição profundamente caracteristica sobre todas, que desde a primeira até á ultima pagina se desenha em linhas severas e grandiosas submettendo tudo o mais á sua legitima soberania: é a feição moral no maximo esplendor de sua expressão.

Este livro é antes de tudo e acima de tudo, uma obra de fé, de caridade e de combate a todo o transe, feita para a verdade e para o bem; suas paginas substanciaes e alliloquentes revelam o que é hoje mui raro no meio do enfraquecimento geral das convicções e dos caracteres, uma individualidade poderosa, intransigente e tanto mais nobremente denodada e altiva, quanto mais firme se mantem de pé contra a torrente do erro que passa abatendo tudo, e apesar da incessante fluctuação das idéas e dos principios, senão peor, de uma sociedade indifferente, morbida de scepticismo, que não quer ver nem ouvir, e que se espreguiça meio acordada pelo fragor de seus desastres, para logo recahir em sua lethargia habitual, como um ser que perdeu a actividade e o proprio sentimento da vida.

Revelam isto as paginas d'esto livro!

Dominado, como fui, pela belleza d'esta revelação, era impossivel, snr. redactor, que aos primeiros estos do meu enthusiasmo não succedesse um desejo mui vivo de lhe dar parte d'ella, quando, para escrever-lhe, me não sobejasse o m'ivo que vae no principio d'esta carta.

Eu queria agora, n'um desafoço do coração, fallar tambem do amigo ausente... ainda mais que do possante escriptor vimaranense que se subtrahé á gloria de suas fecundas lucubrações e de seus trabalhos, occultando-se na obscuridade de um adjectivo que apenas designa aos vindouros a terra em que nasceu; mas eu conheço muito a candidez e as recatadas delicadezas de sua bella alma; o receio que tenho de offendel-as ensina-me a ser discreto até ao sacrificio das minhas mais legitimas e affectuosas expansões.

Não quero concluir sem felicitar d'aqui o editor d'esta obra notavel e de outras

mais de um grande valor scientifico e litterario, na maxima parte, e todas irrepreziveis e mui apreciaveis pela pureza de sua doutrina.

O snr. Teixeira de Freitas tem sido invariavelmente um editor catholico; a sua infatigavel actividade posta ao serviço dos grandes principios que sustentam a vida religiosa e social do genero humano, nunca se desmentiu nem deixou de diffundir a luz da verdade para explorar a mina das paixões e da ignorancia. Deve-se, além d'isto, á sua iniciativa o haver n'esta terra uma casa onde se lê e onde se compram livros e onde já se descobre um canalsinho que põe Guimarães em relação com o mundo das letras.

Pedir-lhe a publicação d'estas linhas, meu caro redactor, é pedir-lhe a continuação dos favores cuja posse a sua generosa amizade me concedeu ha muito.

De V., etc.,

S. da Costa Vieira Leite.

Guimarães, 6 de maio de 1879.

RETROSPECTO DA QUINZENA

Summario:—Proximo desmoronamento da Real Collegiada de Guimarães e meios de o obstar.—O povo vimaranense e o jubileu.—O czar procura acolher-se á sombra do Vaticano, não confiando nas bayonetas.—Novo congresso socialista.—As damas da primeira sociedade russa, nihilistas.—O exercito russo em perigo.—O projecto de s. exc.ª rev.ª o snr. bispo de Bragança.—Palavras do snr. ministro da marinha dignas de registrar-se.—A voz de um prelado de além-mar eccoando na camara dos deputados.—O novo cardeal portuguez.—Mais uma luminaria alimentada com petroleo.

Com o fallecimento do rev.ª chantage da Lusigne e Real Collegiada de Guimarães, mais uma pedra se desconjunctou d'esse venerando monumento que a piedade de nossos monarchas fizera erguer e que o desleixo dos modernos governadores do reino, ou diremos antes, o afan com que os governadores do reino levantam o camartello da destruição para o deixarem cahir sobre tudo que de mais respeitavel existe, está prestes a fazer desaparecer envolto n'um montão de ruinas. Sim, o vetusto monumento que tem visto passar ante suas donegridas paredes mais de uma dezena de seculos; o templo onde eccoaram os canticos de alegria com que os cavalleiros de Alfonso Henriques agradeceram á Virgem a victoria alcançada em S. Mamede; os altares junto dos quaes D. João I se prostrára para render graças a Santa Maria de Oliveira depois da conquista de Ceuta; a igreja onde ainda não ha muitos annos, vimos ajoelhado o actual rei de Portugal e onde não ha muitos dias que alli

assistimos a um «Te-Deum», que a camara municipal mandára cantar em acção de graças pelas melhoras da rainha de Portugal, sera dentro de pouco, logo que desapareçam no pó do tumulto os ultimos conegos, e quando o governo tenha lançado mão dos rendimentos d'aquella casa, será, podemos dizel-o, um montão de ruínas. E n'essas ruínas, ficará sepultada a grandeza da Igreja Vimarense. E a poeira que levantar esse gigante ao cair, esconderá aos olhos das futuras gerações uma das mais venerandas reliquias da architectura religiosa do nosso paiz.

São desertas a maior parte das cadeiras que se estendem aos lados da capella-mor, porque quasi todos os conegos têm sido d'ellas arrancados pela morte.

As festividades que n'aquella casa se faziam com a pompa e esplendor com que se fazem nas sumptuosas cathedraes, vão de dia a dia perdendo a magestade, o brilho, e, por dizel-o assim, o cunho de funcções catholico-religiosas, porque já não ha conegos para as necessidades do culto.

Se grande culpa cabe aos governos por deixarem assim desaparecer um templo de tanta vetustez, grande, bem grande culpa cabe por certo aos filhos d'esta terra que não querem, podendo, empregar a influencia de que gosam perante os governos para que se nomeie D. Prior e conegos para as vacaturas que ha na Collegiada.

Empreguem os vimarenses todos os meios; lancem mão de tudo, promovam uma representação ao rei, ás camaras pedindo a conservação da Real Collegiada, e assim terão cumprido um dever que cabe a todos os filhos de Guimarães.

E porque não serão attendidos? Que se vai pedir? Não é mais para Guimarães, e menos para o governo o conservar a Collegiada que transportar um corpo de tropas para aqui?

E depois que de vantagens para esta terra, se o governo attender a tudo! Se o governo, de accordo com a Santa Sé fizer uma reforma e der os canonicatos com a obrigação do ensino, formando aqui um lyceu ou seminário, quanto não lucra Guimarães, quo tantos filhos seus vão cursar as aulas longe da familia?

Exponha-se, pois, tudo isto ao governo e assim se terá escorado esse monumento prestes a cair em ruínas, que serão a vergonha de todos nós.

Dediquemos algumas linhas ás imponentes procissões que aqui se tem feito para alcançar o jubileu ultimamente concedido pelo Santissimo Padre o Papa Leão XIII. A numerosa concorrencia de povo, de todas as classes da sociedade que as acompanhava dá uma prova da religiosidade d'esta boa gente, que não perde uma só occasião de aproveitá-las todas as graças que a Igreja lhe concede.

Apesar de milhares de pessoas que acompanhavam as tres procissões que se fizeram, ainda assim era grande o numero de familias, que andavam fazendo as visitas, e não raro se viam as damas de primeira sociedade percorrer as igrejas com ferrosos recolhimento.

Sirva isto de protesto contra os que affirmam que o povo estava deixado já d'essas velharias e credices com que nossos maiores se deixavam embalar pela ignorancia dos padres e influencias das sacristias.

Levemos os leitores de Guimarães á Russia. Deixemos de fallar-lhe de igrejas e jubileus e fallemos-lhe de attentados e precauções.

O czar, amedrontado pelo que no imperio praticam os nihilistas, parece não estar longe de pedir uma reconciliação com Roma, porque vae conhecendo que s) a Igreja lhe pode salvar o throno vacilante.

De S. Petersburgo diziam ha dias:

«O czar foi conduzido para a estação em uma carruagem forrada de ferro e guardada por 100 soldados de cavallaria. A estação era rodeada por numerosos corpos de tropa, com ordem de não deixar aproximar pessoa alguma. Em todas as estações foram tomadas as mesmas medidas, e as linhas eram em toda a extensão orladas de soldados. Vinte e quatro horas antes da partida do czar todo o movimento nos caminhos de ferro foi prohibido.»

Encontramos na «Union», de Pariz, o seguinte:

«Os nihilistas da Russia assistiram ha dias a um congresso socialista, havido em Londres, onde se tratou dos meios de fazer triumphar o socialismo na Europa.»

O «Standard» publica um despacho de Berlim onde se dá a noticia de que tres senhoras russas foram accusadas de intrigas revolucionarias: Pertencem á primeira sociedade, como se deprehende do seguinte: «Uma é a condessa Pariena, filha da maior amiga da imperatriz; outra, a senhora Botckin, esposa do medico do czar, e a esposa do procurador imperial militar. Uma d'ellas já está presa.»

O nihilismo depois de ter penetrado em toda a parte, não deixando de atrelar ao seu carro de crimes e infamias as proprias damas, as que deviam representar a paz, o amor e a caridade, tenta tambem revoltar o exercito e para isso espalhou entre elle a seguinte proclamação:

«Chefes e officiaes do exercito russo! Chegou a hora de vos negardes a opprimir os vossos irmãos o a escravisar a vossa patria, depois de a terdes defendido tão gloriosamente contra os estrangeiros, na ultima guerra.

«Poderão os heroes de Plewna converter-se em executores das ordens sanguinolentas que lhe dicta um governo vil e corrompido?

«Não vos esquecaes de que em 1813, quando o perigo de uma invasão estrangeira nos ameaçava, os officiaes do exercito russo formaram associações publicas para proteger as liberdades dynasticas do paiz, e este exemplo deveis segui-lo hoje, levando-o mais longe e acabando com esse sistema que tudo subverte e esterilisa em damno da patria.

«Nem vos esquecaes que, mais tarde, a rebellião militar que estalou na exaltação de Nicolau ao throno esteve a ponto de triumphar, e sahei que se hoje se repetisse seria secundada pelas classes mais numerosas e honradas do nosso povo.

«Chefes e officiaes do exercito russo, uma gloria immortal será a recompensa segura de quantos ponham mãos á obra do reconstrucção do paiz.—O centro revolucionario.»

Na camara dos pares foi apresentado o projecto de s. exc.^a red.^{ma} o snr. bispo de Bragança e Miranda, que é como segue:

PROPOSTA DE LEI

Artigo 1.º É o governo auctorizado a applicar definitivamente o extincto convento de Santo Agostinho (vulgo, S. Felix) de Chellas, no concelho dos Oliveas, e a sua dotação, para haver de ser n'elle fundado um collegio filial das missões ultramarinas portuguezes, conforme as disposições dos artigos 5.º, § 1.º; e 10.º, §§ 2.º e 5.º da carta de lei de 12 de agosto de 1836.

Art. 2.º No referido collegio filial, a mais do ensino primario e secundario para alumnos que se proponham a seguir os estudos superiores e ordenação ecclesiastica, no collegio central das missões ultramarinas, haverá uma secção de ensino agronomico e de artes fabris, para alumnos que, sem professarem o estado ecclesiastico, proponham dedicar-se ao serviço das mesmas missões, para, reunidos aos missionarios, exercerem os respectivos misteres de suas artes mechanicas, e ensinal-as aos indigenas convertidos.

§ unico. O governo fará um regulamento especial para esta secção.

Art. 3.º Fica revogada a legislação em contrario.

Sala das sessões da camara dos dignos pares, em 4 de fevereiro de 1879.—Bispo de Bragança e Miranda.

A cerca d'este projecto fallou o snr. ministro da marinha em termos tão lisonheiros para o signatario e para as missões que não podemos deixar de para aqui transcrever algumas linhas. Eil-as:

«Devo declarar que o governo tem todo o empenho em que este projecto seja convertido em lei do estado, e que na pratica tenha a realisacão que o digno par, o sr. conde do Casal Ribeiro, deseja.

A fonte de onde nasceu esta medida, o sr. bispo de Bragança, cujas virtudes não ha phrases que possam exaltar, porque aquellas excedem muito aquillo que eu podia modestamente dizer, e tudo que brillantemente tem dito os dignos pares que usaram da palavra.

A auctoridade que lhe dá o seu auctor, a que recebeu da illustre commissão que a approvou unanimemente, e a que lhe provem da brillante discussão n'esta camara, que só tem tido attentões para o pensamento que a dictou, tudo isto é sufficiente garantia para que na camara dos senhores deputados possa brevemente ser convertido em lei este projecto.

E por este lado asseguro ao digno par, o sr. conde do Casal Ribeiro, que se ex.º faz bem em depositar na minha vontade a confiança que se dignou testemunhar perante esta assembleia.

A conveniencia das missões conhecemol-as todos, e se não a conhecessemos, ahí tínhamos a historia para nos informar.

Nos sabemos perfeitamente que os povos mais adiantados hoje em civilisação se valeram do auxilio dos nossos missionarios em toda a parte, quando esses povos não tinham os creditos de que, felizmente para nós, gosava a nação portugueza.

Portanto os novos missionarios não de ser bem recebidos nas colónias, onde resta ainda dos seus antepassados um glorioso nome, e o fructo das missões será de benção, como quasi sempre.

Digo «como quasi sempre», porque muitas vezes as melhores instituições tenderam a degenerar n'uma ou n'outra parte; mas, em geral, o fructo das nossas missões foi sempre de benção, e espero continuará a ser.»

*
**

E' sempre com o maior prazer que transcrevemos para as columnas da nossa revista algum documento firmado com o nome dos nossos Prelados.

Com o seguinte documento, devido á pena e illustração do venerando Prelado de Angra, damos aos leitores uma prova de que temos bispos que sabem alçar a voz em prol dos direitos da Igreja.

Eis a mensagem que o sabio prelado dirigiu á Camara dos Deputados:

Senhores deputados da nação portugueza. — O bispo da diocese de Angra do Heroismo, constando-lhe que se pretende sobreavrogar os poucos bens ecclesiasticos que restam por vender, assim como os mesquinhos patrimonios particulares do clero com o dobro da contribuição predial directa, pede licença para fazer a tal respeito as seguintes reflexões:

Segundo o que se acha prescripto na lei fundamental da nação, e na conformidade do que dicta a razão— todos os cidadãos, tanto da ordem phisica como moral devem ser iguaes perante a lei. De facto, porém, não se dá entre nós essa igualdade para com a igreja catholica, não obstante ser religião do estado.

O Direito de propriedade, que a todos é concedido como fundamento do progresso e de liberdade, é negado á igreja. Tinha ella bens mais que sufficientes para satisfazer as suas necessidades. Foram-lhe tirados com promessa de se occorer a essas necessidades; e todos sabem como se tem cumprido tal promessa.

O homem é por natureza sociavel; isolado nada pôde, associado, porém, faz maravilhas. Por isso o direito da associação é permittido geralmente a todos os homens, e para todas as empresas; excepto, porém, áquelles que melhor poderem tratar do importante negocio da sua sanção, e da do proximo, pretendem reunir seus esforços e praticar os conselhos evangelicos!

E de direito natural que se pague a quem trabalha, provendo-se á sua subsistencia, não só emquanto consome suas for-

ças no serviço alheio, mas ainda depois quando já não pôde trabalhar, porque não ha de morrer á fome por occasião da enfermidade e da velhice. Com effeito, todas as classes dos que se empregam no serviço publico têm assegurado o seu futuro: os militares têm a reforma; os professores a jubilação; os magistrados a aposentação; os ministros, porém, da religião do estado têm apenas o trabalho muito mal retribuido emquanto podem, e depois a miseria, o abandono.

Quasi todos os empregados publicos têm accesso, aspirando sempre a melhorar de posição; o que lhes serve de estímulo e consolação para a velhice; o padre podia n'outro tempo aspirar a uma conesia, hoje, porém, nem a isso pôde aspirar.

Só os criminosos e estrangeiros são excluidos de poderem tomar parte na governação publica; e a par d'estes foram collocados os ecclesiasticos que, a não ser nas camaras legislativas, a que poucos podem chegar, nem das humildes juntas de parochia podem presentemente fazer parte! Não o digo por sentimento, mas unicamente por enumerar os factos.

Vê-se, pois, que o clero não participa da igualdade perante a lei, sendo-lhe negados os direitos de propriedade, de associação, de subsistencia, de aspiração, e á magistratura. E como se isto não fosse bastante, pretende-se aggravar-se-lhe ainda a sorte fazendo-o contribuir com o dobro do que os outros cidadãos contribuem!

Dá-se como razão o possuir bens amortizados, que nada rendem para o estado. Isto, porém, não é exacto.

De duas ordens são esses bens que se querem fazer contribuir: o resto dos bens da igreja que estão por vender, e os miseraveis patrimonios particulares do clero. Vejamos se taes bens estão na verdade amortizados.

Os primeiros não sei como se podem dizer amortizados estando, como estão, á venda! Terá por acaso a igreja culpa, e poderá ser com justiça multada porque ainda se não venderam todos?... E nem pôde tardar que sejam vendidos visto darem-se por todo o preço que por elles se offerece; rebaixando-se até quasi a darem-se gratuitamente, quando não apparece comprador. Além d'isto alguns ha cujo rendimento, como os dos passaes dos parochos, lhes entra no computo de suas congruas; e portanto o que se lhes subtrahir será defraudando as congruas arbitradas, que, em regra, hem insignificantes são. Os patrimonios canonicos dos padres tambem se não podem considerar amortizados, porque lhes é licito venderem-n'os, trocaram-n'os, substituindo-os por outros, com licença do ordinario, como acontece a cada passo. Nem a lei civil reconhece ou respeita tal vinculação.

Como estão, pois, amortizados?

E quando o estivessem seria por poucos annos, apenas até á morte do padre, isto é, trinta ou quarenta annos, quando muito:

E poderá considerar-se amortizado um predio que não muda de possuidor durante esse prazo de tempo? Se assim fosse amortizada estaria toda a propriedade, porque

qual é a que muda de possuidor dentro d'elle?

Tal medida, pois, viria afastar do estado ecclesiastico grande numero de vocações, que mui diminutas são já no tempo presente; porque é necessario dizer toda a verdade, grande parte da contribuição não recairia sobre os padres, mas sobre aquellas pessoas que lhes prestam bens para constituirem em patrimonio ecclesiastico, sem que os padres jámais os possuam, não tendo estes bens alguns. E quem se prestaria d'aqui em diante a fazer tal favor, ficando sujeito a tão grande onus?

Eis aqui os resultados que produziria tal medida. E o thesouro publico pouco ou nada com ella lucraria; porque, além de ser o clero cada vez mais diminuto, facilmente se livraria de tal onus, transferindo os parochos o patrimonio para o seu beneficio, e constituindo os ordinarios o seu em titulos de divida publica, não sujeitos a contribuições.

E acabaria este pleito em serem dispensados os patrimonios como inúteis nos tempos presentes, e servindo so de embaraço as vocações, como tive já a honra de representar a Sua Santidade.

Concluo por protestar que me não leva o interesse proprio, nem mesmo particular da minha diocese a dar este passo, porque não tenho patrimonio em propriedades sujeitas a contribuições directas, nem ha presentemente n'esta diocese quasi bens alguns ecclesiasticos sobre que ellas possam recair.

É unicamente o dever de bispo catholico que me leva a apresentar a esta respeitavel assemblea legislativa as ponderações feitas; esperando de sua illustrada prudencia e alta sabedoria as tomará na consideração que merecerem.

Angra do Heroismo, 14 de abril de 1879 — João Maria, bispo de Angra.»

E ja que nos occupamos dos nossos Prelados, não fecharemos esta revista sem felicitar o novo Cardeal portuguez, que a esta hora deve estar revestido da alta e honrosa dignidade com que a Santa Sé approuve recompensar os serviços prestados á Igreja portugueza pelo exc.º e rev.º sr. bispo D. Americo, mostrando tambem o quanto distingue e venera a Igreja Catholica de Portugal.

*
**

Tivemos a vizita d'um novo periodico, ou antes do n.º programma para um novo periodico que vai ver a luz da publicidade em Lisboa.

Orna-se com o pomposo titulo de «Commercio de Portugal», e benza-o Deus, bem digno é de se enfileirar onde estão postados outros commercieiros d'este nosso paiz.

Pelo programma parece virá a ser uma cousa por esse mundo fóra, pois mais pomposo cartaz jámais á mão nos veio.

E depois que linguagem, e sobre tudo que doutrinas! Ora leiam este trechosito e dirão depois que tal sairá o bichano:

«Para nós, diz ao findar o artigo programma, a sociedade moderna tem um perigo. E' o phyloxera social, lepra que sai das sacristias, e que ousa assaltar o lar domestico para nos inutilisar as mais santas

afeições da familia. Contra os que assim tramam contra a liberdade emponharemos guerra sem treguas. Não tem acolhida nos nossos arraiaes esses apóstolos do mal. Nos ninhos d'aguia dominadora não se abrigam es abutres de garras aduncas. D'elles dispensamos até a cortezia.»

E que tal?
Nem queremos a cortezia d'esses abutres! Embora. Nós que fazemos parte d'esses abutres sempre vamos usar de toda a cortezia, mandando-lhe o «Progresso Catholico», esperando que o «Commercio de Portugal» nos faça alguma vizita.

E com o «Progresso Catholico» enviaremos tambem nosso muito saudar.

J. DE FREITAS.

CORREIO SEM FRANQUIA

Cartas recebidas desde o dia 12 e a que não podemos responder por outra via, do que pedimos desculpa

Dos exc.^{mos} snrs.:

Augusto Barata dos Santos Martins.—Tomamos nota da assignatura, que agradecemos; o 1.º fasciculo irá logo que publicado seja.

Padre José Bento Ramos de Castro.—Recebemos a importancia do livro que enviaremos apenas se publique.

Padre Carlos Pinto de Magalhães.—Fica paga a assignatura do «Progresso Catholico», 1.º anno. Agradecemos.

F. Firmino Sarmento Osorio.—Recebemos a quantia enviada, e expedimos o livro pedido.

Padre José Pedro Lopes Calheiros.—Foram enviados os livros para que recebemos a quantia de 1\$700. Agradecemos.

D. Marianna Augusta Rozeira.—Foi enviado o livrinho pedido.

Padre José da Silva Guedes.—Recebemos a quantia enviada, que agradecemos. Livros e jornaes expedidos.

Padre Manoel Roiz de Oliveira.—Enviamos a «Critica».

Padre Francisco dos S. C.—Recebemos e agradecemos. Nada tem que agradecer-nos.

Benevenuto de Souza.—Recebemos as duas cartas e as quantias enviadas. Expedimos os livros pedidos e fasciculo 5, 6 e 7.

João Albino Freire.—Mudada a direcção como deseja.

D. Maria E. de Campos.—Deixe v. exc.^a ahí estar o resto, que se encontrará depois.

Joaquim Augusto Amorim da Fonseca.—Foi expedido o livro pedido.

Augusto de Calça e Pinna.—Fizemos expedir os 3 vol. pedidos.

M. J. Machado Novaes.—Entregues ao redactor principal.

J. Antonio de Souza Azevedo.—Recebemos o importe do fasciculo 2 e 3 e expedimos o 3 e 4.

Abade Joaquim Antonio da Costa Mesquita.—Fizemos expedir os 3 livros pedidos.

João de S. B. da Silva Ferrão de Carvalho Martins.—Admiramos como sempre.

Manoel Antonio Nogueira da Rocha.—Enviamos os n.ºs publicados, excepto os que se acham esgotados, que vão apenas reimpressos.

Dr. J. M. Mergulho Neves Cabral.—Expedimos os 3 vol. pedidos.

José Estacio da Silveira.—Tomamos nota das suas assignaturas que agradecemos.

Joaquim Mendes Figueiredo.—Será enviado o «Progresso», como deseja.

Prior José Bernardo dos Santos.—Ainda faltam algumas folhas para ser concluido o 2.º vol. que remetteremos logo que concluido.

João Ignacio Ferreira.—Ficamos in teirados; agradecemos.

Dr. N. Pereira de Mendonça Falcão.—Mudada a direcção, como ordena. Feitas as assignaturas que muito agradecemos. Depois satisfaremos o resto.

Padre Luiz Carlos de Faria.—Enviamos por este correio os livros pedidos: e nova assignatura do «Progresso», que assaz agradecemos. Ficamos certos do mais.

Antonio Gomes Pereira.—Mudamos a direcção.

Custodio Fernandes Pereira.—Mudada a direcção; o 2.º é enviado por estes dias.

Augusto Soares de Moura.—Os n.ºs 4, 5 e 6, serão enviados logo que se reimprimam de novo.

Francisco Alves Ferreira.—Servimos ao novo assignante os n.ºs publicados, menos os que tem de reimprimir-se. Agradecemos.

Domingos José Gonçalves Pimenta.—Satisfizemos a assignatura, que assaz agradecemos, e expedimos o livro pedido.

Padre Carlos Pinto de Magalhães.—Está paga a assignatura, que agradecemos.

Firmino Lopes de Figueiredo.—Enviamos o 1.º vol. aos novos assignantes que muito agradecemos. Brinde será expedido logo que recebermos a importancia do 1.º vol. de todos os assignantes.

João Antonio Gomes.—Enviamos o livro pedido.

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

O Liberalismo Desmascarado

(CONTINUAÇÃO DA MAÇONARIA DESMASCARADA)

POR UM JESUITA

O REVERENDISSIMO PADRE HENRI RAMIÈRE

POR VARIOS OUTROS AUCTORES E PELOS PROPRIOS LIBERAES

CONTENDO:

Primeira parte: «A Banca-rotta do Liberalismo»—Segunda parte: «O Liberalismo Catholico»—Terceira parte: «O Liberalismo e o Cesarismo»—Quarta parte: «O Liberalismo desmascarado por si mesmo ou por suas obras»—Quinta parte: «A Escola do direito das gentes e a da reforma social»

Obra traduzida, compilada e annotada

POR UM VIMARANENSE

2 volumes em 8.º grande, com mais de 500 paginas cada um

PREÇO DOS DOIS VOLUMES

1\$500 RÉIS

Para os assignantes do «Progresso Catholico» 1\$200 réis, e além do desconto de 300 réis dá-se gratis aos que comprarem o LIBERALISMO DESMASCARADO, a

«Maçonaria desmascarada», que é como que a 1.ª parte do LIBERALISMO.

ULTIMA PUBLICAÇÃO DE PROPAGANDA CATHOLICA

A MAÇONARIA E OS JESUITAS

INSTRUÇÃO PASTORAL

DO
BISPO DE OLINDA
AOS SEUS DIOCESANOS

Segunda edição vimaranense com prologo e notas

INDICE

	PAGINAS		PAGINAS
Prologo do Editor	7	II Calumnias contra os jesuitas de Pernambuco e sua justificação.	173
Introdução	11	III Continua o mesmo assumpto.	209
		IV Conclusão.	253
		Appendice (notas)	273
PRIMEIRA PARTE			
I A Maçonaria	21	<i>A Maçonaria e os Jesuitas, fórma um volume de 300 paginas, in-8.º, bom papel e optima impressão.</i>	
II Qual o fim da Maçonaria?	37	Preço 500 réis	
III Qual o meio principal que emprega a Maçonaria para attingir o seu fim?	59	Desejando nós que este livro chegue ás mãos de todos os leitores do «Progresso Catholico», envial-o-hemos a todos os assignantes, franco de porte, por 400 réis.	
IV Como procura a Maçonaria desviar os obstaculos que lhe embaraçam a realisação do seu plano?	111	A importancia em estampilhas, ao editor Teixeira de Freitas, S. Damazo—Guimarães.	
V Qual a preparação e marcha gradualmente seguida pela Maçonaria?	141		
SEGUNDA PARTE			
I Os Jesuitas	135		

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Teixeira de Freitas—rua de S. Damazo, 50 a 54 — Guimarães.